

# Birosca dá lugar para o comércio

Acreditar no futuro. Este é o tema que vem norteando os grandes e pequenos empresários de Ceilândia desde a sua implantação em 1971, posicionamento que tem contribuído para a constituição de um comércio regular e bastante competitivo com outras cidades satélites, como, por exemplo, Taguatinga. Tal como a cidade em seu conjunto, a vida empresarial da Ceilândia também alterou-se profundamente. Aos poucos, o comércio regular vai tomando o lugar dos antigos birosqueiros, gerando neste processo empresas sólidas que já começam a fazer projetos de expansão para outros localidades do Distrito Federal e de Goiás.

O mercado consumidor da Ceilândia é atualmente o maior do Distrito Federal e vem sendo bastante cobiçado por grandes empresas de Brasília e de outros Estados, que aos poucos vão tomando o centro da cidade, construindo prédios confortáveis e abacanhando consideráveis parcelas nos volumes das vendas. Para se ter uma ideia, na Ceilândia já estão instalados o Ponto Frio Bonzão, as Lojas Arapuã, o Mini-box (ligado aos Supermercados Pão de Açúcar), Casas Pernambucanas, entre outras. Em 1983, novas lojas de Departamentos estarão operando na cidade.

Esta tendência ao aparecimento de grandes empresas começa a chamar atenção de parcelas consideráveis do empresariado local. Para muitos deles, como é o caso de Raimundo Soares Sobrinho, diretor-presidente da Denacol — uma das maiores empresas da cidade na área de material de construção civil — a vinda das grandes lojas de Departamentos, ao invés de prejudicar, ajuda no movimento da cidade. “Estas lojas dão maturidade ao comércio, fixando o público consumidor”, afirma Raimundo. A mesma opinião é manifestada por Ziná Caetano de Souza, vice-presidente da União dos Mercadinhos de Ceilândia e Taguatinga. Para ela o pequeno comércio não tem nada a temer com as grandes lojas, já que atua numa faixa de mercado próprio e difícil de ser alterada pelos fortes grupos econômicos.

Entretanto, outros empresários discordam dessas formulações. Segundo Rubens Bender, presidente da Associação Comercial e Industrial de Taguatinga, as grandes lojas, inevitavelmente, contribuem para arruinar o pequeno-comércio, já que trabalhou numa escala econômica que possibilita vender certos produtos mais baratos. Apesar deste aspecto, Bender entende que os empresários têm de se organizar para defender seus interesses específicos, seja de pequeno ou grande porte.

## FUTURO

A esperança no rápido e eficiente crescimento do comércio da Ceilândia é compartilhada por todos os empresários. Para Raimundo Soares Sobrinho, “Ceilândia é uma cidade de muitas perspectivas, tanto em termos de comércio quanto de indústria. “A cidade, diz ele, historicamente está começando e tudo aqui está para acontecer”. Pedro Cobre, proprietário da Cerealista Santa Terezinha, uma das maiores em operação na cidade, acredita que a Ceilândia “ainda está em um processo de peneração, na perspectiva de estabelecer um comércio definitivo”: “Nós aqui da Ceilândia, afirma Cobre, temos muito que andar, mas é preciso dar tempo ao tempo”.

Neste sentido, os empresários, de alguma forma, estão preparados para enfrentar as possíveis dificuldades econômicas previstas para 1983. Segundo eles, todo mundo vai ter de se adaptar à nova realidade e, com uma certa prudência em termos de administração, será possível sobreviver com uma certa tranquilidade. Para o diretor da Demacol Raimundo Souza, a hora é de arregaçar as mangas”.